Aveiro, 7 de Abril de 1962 * Ano VIII * N.º 389

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITANIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

Crónicas da Sempre Leal e Invicta Cidade

MANUEL LAVRADOR

O PORTO E AVEIRO DE OUTROS TEMPOS

«*No número das cidades beneficiadas pela proximidade da linha ferrea* — escreveu Alberto Pimentel, em 1878, no livro **«O Porto por Fora e por Dentro»** — *foi Aveiro a que maiores vantagens supoz tirar dessa proximidade. A grande influencia do brilhante orador José Estevam, aveirense pelo berço e pelo coração, conseguira que o traçado se inclinasse para Aveiro, no louvavel intuito de dar vida e desenvolvimento à sua terra natal. José Estevam enganou-se, como outros muitos.*

E o ilustre escritor continuou a exposição do seu pensamento procurando justificá-la com o ponto de vista de a passagem do caminho de ferro por Aveiro permitir que os habitantes da cidade e arredores se aproveitassem deste meio facil de transportes para, mesmo em agradáveis passeios de recreio, irem ao Porto fazer as suas compras por mais baixos preços, gozando e pagando, com a diferença as despesas de viagens em prejuízo do comércio aveirense. Muitas outras pessoas, algumas de Aveiro, eram da mesma opinião.

O decorrer dos anos demonstrou quanto ela era errada e que José Estevão previu bem o desenvolvimento comercial e industrial do futuro desta cidade com este melhoramento importantíssimo e defendeu, com todo o seu entusiasmo e extraordinária inteligência, os mais altos interesses da sua terra querida. Por isso, causou grande regozijo, em Aveiro, a inauguração dos serviços dos combóios. O que seria esta cidade sem eles e com a sua Barra abandonada por falta de transportes?

Não passaria duma vila das mais pequenas de tão rica região.

Inaugurado o caminho de ferro, foi o combóio imediatamente aproveitado por algumas famílias aveirenses, para viagens de recreio ou de visitas a parentes e amigos, viagens estas que, anteriormente, eram dificultadas, devido a serem longas e demorarem dias, feitas em diligências ou a cavalo e outras — poucas e perigosas, pelo mar. Para estas realizações, algumas pessoas faziam testamento antes da saída... Reduzido número de indivíduos assim se dispunha a viajar. E, depois, os aveirenses, que iam fazendo as suas viagens pelo caminho de ferro, troçavam, no regresso, dos que, por receio, haviam ficado aguardando notícias dos acontecimentos de tal aventura... Seria como se hoje alguns dos nossos conterrâneos regressassem das primeiras viagens à Lua!...

Os que regressavam das primeiras viagens ferroviárias contavam o que haviam visto e admirado, acrescido de al-

Continua na página 7

HOMENS... E HOMENS

Por AMADEU DE SOUSA

Nesta era dos engenhos nucleares e dos satélites, vão rareando cada vez mais os homens de bem. O egoísmo e a ambição, num amálgama de materialismo, transformaram por completo o indivíduo actual, vivendo única e exclusivamente para o seu próprio círculo, alheio aos problemas que tocam os menos afortunados, ou melhor talvez, os menos atrevidos ou usados.

Se é certo que, em todas as épocas, houve homens mal formados, de índole perversa, esmagando direitos e subjugando povos, uma fúria de prepotência, de ódio e desprezo pelo próximo, nos tempos decorrentes, apregoadamente mais civilizados, o procedimento humano transcende os limites de todos os desmandos praticados em séculos passados, se atentarmos, sem mais delongas, nos múltiplos aspectos de desenvolvimento por que o Mundo passou, e que lançariam o homem de hoje, em consciência, na obrigatoriedade de defender e pugnar pelos princípios sagrados de justiça que nos legou o Mestre.

Mas não: o homem do ano dois mil da era cristã, avesso a preconceitos e virtudes, atento apenas ao tilintar do ouro e ao badalar das horas, sustenta sòmente como razão — a sua razão — de primeiro nós e sempre nós. E assim é que para atingir os fins que o dominam, que o escravizam, ele empurra, calca, espezinha e esmaga, se necessário for, sem a menor relutândia, com a maior naturalidade. Na sua mente — a consciência não existe — desenvolve-se toda uma torrente de interesses ilimitados, que submerge, afoga, quaisquer centelhas de compreensão, que porventura possam viver.

— Tristíssima realidade! E não são, um entre mil — misera minoria — que, com o seu o porte irrepreensível e exemplar carácter, conseguem deter, para desgraça nossa, a onda avassaladora que, pouco a pouco, vem lançando o planeta num Mundo de incerteza, ensombrado por apocalíptico destino. Tudo parece irremidiàvelmente perdido. Tudo parece abeirar-se do abismo profundo, da cratera incandescente, se o homem não alertar a alma, o coração, a consciência, afinal, se não se reumanizar. Terá que se distribuir, dar-se em amor, sem o sentido da retribuição, mas de obrigação; sem o espírito da elevação, mas de compreensão.

Porém, enquanto o homem não travar a ganância desmedida que diabòlicamente o manobra, enquanto não sustiver o ímpeto de mais e mais, que o absorve de dia e de noite, como terrível pesadelo a que não procura furtar-se, tudo irá pelo pior, todos sossobraremos — alguns vítimas inocentes e indefesas — na fogueira certa que nos consumirá.

Felizmente, que entre os milhões que vivem e vegetam neste conspurcado Mundo, ainda há homens — aquela mísera minoria — que se debatem heròicamente pelo bem comum, homens íntegros, de exemplares virtudes, num alardear soberbo de chama viva de justiça, presente sobre a terra. Ainda há, de facto, homens bons, homens que desinteressadamente trabalham por um Mundo melhor, dotados de fé inquebrantável, de intenções inabaláveis, sempre prontos a socorrer com a sua abençoada cooperação, a sua inteligência, e a própria bolsa, crentes de que nem tudo ainda está perdido, de que o seu nobre exemplo frutificará um dia. E a

Continua na página 7

FRENTE PATRIÓTICA

UMA OPINIÃO DO DR. FRANCISCO RENDEIRO

4 — Quem tenha atravessado a fronteira luso-espanhola fica chocado com a igualdade das pessoas e, ao Norte do Douro, com a semelhança da fala. Aí a fronteira é um artifício político para sanar o conflito entre duas monarquias. Os povos de cá e de lá, indiferentes aos tratados, olham-se com afeição. Se não houvesse as barreiras alfandegárias e policiais de um lado e de outro, a confraternização e o contrabandismo desenvolver-se-iam em sentido inverso. E porquê? Porque somos da mesma raça, isto é, temos o mesmo fundo étnico. A raça terá sido a base da tribu — primeira organização social de que há conhecimento histórico — que deu origem à organização dos povos em unidades políticas independentes.

Quando cá chegaram os romanos, encontraram a Calacia tão fortemente organizada politicamente, que se viram e desejaram para a conquistar, a ponte de Décio Brutus ter recebido o cognome, título de honra, de Calego, por ter sido o único general que tornou efectiva a conquista, ocupação e organização da Calacia em Província Romana.

E' bem conhecida a saga de Viriato, o primeiro guerrilheiro da Península de que há notícia histórica. O terreno da Serra da Estrela prestava-se à guerra de emboscada, mas o homem só se bate bem quando defende alguma coisa que lhe é cara. Aquelas pedras, os rebanhos, as cabanas, as grutas, as pastagens dos vales, as águas cristalinas que se despenham das fontes, as mulheres, os filhos, já nesses tempos eram, para o *homo sapiens* que lá vivia, a Pátria pela qual se lutava até à morte.

Dois séculos A. C.! O ho-

Continua na página 2

SERENIDADE

A doçura dos horizontes esfumados, as meias tintas enfeitiçantes da luz que vai morrendo ao cair da tarde, envolvem a Ria e o Homem num manto de paz e quietude... e, no coração do aveirense, desabrocham em bondade e amor, fazendo desta terra bendita um oásis de brandura — num Mundo sòrdidamente afundado na intolerância, na crueldade e no ódio

JORGE CALDAS

Frente Patriótica

Continuação da primeira página

mem progrediu, desvendou muitos segredos da natureza, inventou utensílios, transformou a observação em pesquisa cientifica, da água fez energia, calor e luz, já descobriu a última partícula do átomo, aprendeu a cindi-lo e a imitar, embora só num momento fugaz, a prodigiosa energia do sol; mas, no fundo, não difere de Viriato. Os sentimentos não mudaram, não mudou o prodigioso órgão que comanda a razão e, em muito maior grau, a vida sub-consciente. As mesmas hormonas continuam a despejar no sangue as secreções que produzem o cio, o amor, a continuação da espécie — fim único das relações entre os sexos. Não há diferença entre o que determina a mãe aveirense dos nossos dias a cobrir de beijos o filho que amamenta, e a mãe celtibera, lígure, lusitana, que se terá batido ao lado do seu homem ou vigiado dos cumes gelados os movimentos da legião de Brutus.

Cerca de dois mil e duzentos anos são um momento na idade da Terra, mas os homens de Muge, Neerdenthal, de Pekim, o Australopitecus, testemunham uma antiguidade dilatada da espécie e tudo parece indicar que a evolução presidiu às melhorias que denotam os crâneos actuais comparados àquelas relíquias de um passado antiquíssimo.

Não se encontra prova de cataclismo da matéria que tenha produzido mutação súbita. As forças que se entrechocam, tendem ao equilíbrio e não à rotura.

Depois dos romanos fomos conquistados pelos bárbaros e, cinco séculos depois, pelos moiros da moirama. De todas estas vagas ficou sangue, suor e lágrimas como as que Churchill encontrou, quando teve de comandar a defesa da Grã-Bretanha em 1940. Não somos os mesmos do século II A. C.. Evoluímos, aprendemos muito com os povos que nos conquistaram e cá deixaram os seus genes; mas, no fundo, continuamos o que, sob a pele, já éramos há dois mil e duzentos anos e a bater-nos pela independência da casa nacional, tugúrio do nosso amor, das nossas ambições e ilusões. Nenhuma filosofia pode modificar a biologia. Não foi a filosofia que fez a evolução das espécies. A filosofia procura as relações entre o homem e o meio para lhes fixar uma direcção evolutiva, leis, mas, estranha como é às leis naturais que regem o universo, independentemente da vontade do homem, é falível e a prová-lo, o seu número.

Enquanto se ignorava a natureza do raquitismo, escreveram-se pilhas de disparates sob a sua origem e tratamento; logo que se descobriu ser uma deficiência de vitamina D, acabaram os disparates. As nossas frotas foram dizimadas pele escorbuto. Se se soubesse que resultava da deficiência em vitamina C, podiam ter ido mais longe e mais céleres. E assim por diante.

A mais nova das filosofias, a fascista, ruiu estrondosamente. O ressuscitado comunismo seguir-lhe-á as pisadas, porque nada pode destruir o homem. O homem, cada homem, é um mundo miniatural. Alguns sabem, melhor ou pior, sentir e exprimir esta verdade; outros, a grande maioria, tem essa verdade guardada no subconsciente, mas, há circunstâncias que a consciencializam no mais obscuro dos seres humanos.

Supomos que os portugueses atravessam uma época de consciencialização colectiva das suas funções no Mundo e daí a luta entre os que querem defender e conservar o objecto das lucubrações dos filósofos nacionais — o homem português e o seu lar nacional — e os que o querem destruir para assegurar o triunfo da sua vaidade de descobridores da última e definitiva palavra em filosofia que vai reger a humanidade *ad eternam!*

* * *

Fronteiras da Pátria! Temos por nós a História, a verdade. Cerremos as nossas fileiras de povo missionário que, mal estava consolidado o seu lar nacional, se foi pelo Mundo a espalhar o seu exemplo tão bom e belo que, volvidos quatro séculos de separação, ainda hoje floresce, algures, na Península de Malaca, actualmente a Federação dos Estados Malaios, uma comunidade cristã de malaios que se consideram portugueses.

Como pode haver portugueses que queiram trocar as certezas da sua História, sujeita a colapsos temporários, mas com o cunho da eternidade, pela sujeição a uma tirania estrangeira?

Francisco Rendeiro

N. da R. — *No último número, as «gralhas» voltaram a assaltar o escrito do nosso colaborador Dr. Francisco Rendeiro.*

Aqui rectificamos, seguidamente, algumas das mais salientes:

Onde se lia «Os ingleses sairam da Segunda Guerra Mundial derrotados a despeito de figurarem entre os vencedores de presa fácil do comunismo», *deveria ler-se:* «Os ingleses sairam da Segunda Guerra Mundial derrotados, a despeito de figurarem entre os vencedores, e presa fácil do comunismo».

E, onde se lia «Nenhuma das mais variadaa revoluções para o eliminar pode durar sem ele», *deveria ler-se:* «Nenhuma das mais variadas revoluções para o eliminar pôde durar sem ele».

Declaração

Conceição Marques Ferreira, doméstica, residente há mais de 3 anos no lugar da Quinta do Gato, freguesia da Glória, desta cidade, declara, para todos os efeitos legais, que se não responsabilisa por qualquer dívida que seu marido, António de Almeida Vidal, lavrador, residente no Bomsucesso, contraia ou tenha contraído sem autorização escrita sua.

Aveiro, 30 de Março de 1962

Conceição Marques Ferreira

(Segue-se o reconhecimento)

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de 28 de Março de 1962, lavrada de folhas 82 v.º a folhas 85, do livro n.º B 23, para escrituras diversas, do arquivo do Segundo Cartório Notarial de Aveiro, a cargo do notário Dr. António Rodrigues, foi constituída uma sociedade entre José Nunes da Rocha, Armindo da Rocha Fernandes, Telmo da Graça e Melo e Agostinho da Silva Fernando, nos termos dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «Silva, Rocha & Companhia, Limitada», tem a sua sede em Vagos e durará por tempo indeterminado, a contar de um de Abril próximo.

Segundo — O seu objecto é o exercício da indústria de carpintaria mecânica e serração e comércio de madeiras, ou qualquer outro ramo de indústria ou comércio, que a sociedade resolva explorar, e para que não seja precisa autorização especial.

Terceiro — O capital social é de duzentos e quarenta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, que corresponde à soma de quatro quotas que são as seguintes: José Nunes da Rocha, uma de cem mil escudos; Agostinho da Silva Fernando, uma de cem mil escudos; Armindo da Rocha Fernandes, uma de vinte mil escudos; e Telmo da Graça e Melo, uma de vinte mil escudos.

Quarto — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, porém, qualquer dos sócios fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições em que acordarem e que constem das respectivas actas.

Quinto — A administração e a gerência da sociedade pertencerão a todos os sócios, que ficam desde já nomeados gerentes, sem caução nem remuneração.

Parágrafo Primeiro: Para que a sociedade fique obrigada, são indispensáveis as assinaturas de dois sócios, um dos quais será sempre o sócio Agostinho da Silva Fernando, ou o seu mandatário. Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer dos sócios.

Parágrafo Segundo: E' proibido aos gerentes usarem a firma social em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer actos e documentos de interesse alheio.

Sexto — A cessão de quotas, total ou parcial, é livre entre os sócios, usando a sociedade, em primeiro lugar, e qualquer dos sócios, em segundo lugar, da faculdade de preferência quando se pretenda ceder a um estranho.

No caso da cessão ser feita a estranhos a quota manter-se-á sempre indivisa.

Sétimo — Quando a Lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

Oitavo — Em caso de morte ou interdição de qualquer sócio, os seus herdeiros ou representantes escolherão uma pessoa que a todos represente, enquanto a quota estiver indivisa.

Nono — Os balanços e contas fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano. Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos 5 °/ₒ por cento para o Fundo de Reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios na proporção das suas quotas.

Aveiro, 31 de Março de 1962

O Ajudante da Secretaria,

Celestino d'Almeida Ferreira Pires

Aviso

Eu, Maria Rodrigues da Silva, casada com Joaquim Tavares da Silva declaro que desde 2 de Abril de 1962 não assumo a responsabilidade por dívidas contraídas pelo mesmo.

Aveiro 2 de Abril de 1962

A rogo de Maria Rodrigues da Silva

Alice Lopes Ventura

(Segue-se o reconhecimento)

CINE-TEATRO AVENIDA — TELEFONE 23343 — AVEIRO

PROGRAMA DA SEMANA

Sábado, 7, às 21.30 horas (*12 anos*)

Keith Larsen, Buddy Ebsen, Don Burnett, Taina Elg *e* Patrick Mac Nee *na película colorida*

BANDEIRANTES EM PERIGO

Um vigoroso, humano e empolgante filme de «suspense»

Domingo, 8, às 15.30 e às 21.30 horas (*12 anos*)

Um filme com um mistério invulgar

O Sócio Secreto

Stewart Granger • Haya Hararet • Bernard Lee • Hugh Burden • Lee Montagne

Quarta-feira, 11, às 21.30 horas (*17 anos*)

Jean-Claud Brialy, Alida Valli *e* Jean Chevrier *em*

As Duas Faces do Amor

Um audaz e sensacional filme francês, que comporta um romance passional de intensa vibração dramática

Quinta-feira, 12, às 21.30 horas (*17 anos*)

Um drama mexicano interpretado por *Sarita Montiel, Roberto Cañedo, Rafael Bertrand* e *Rebeca Iturbide*

Não Acredito nos Homens

FAZEM ANOS:

Hoje, 7 — Os srs. Dr. Carlos Manuel Sobreiro Vidal e Pompeu Nunes Rafeiro; e o menino Carlos Alberto Chaves Roque.

Amanhã, 8 — As sr.as D. Emília de Oliveira Dias, esposa do sr. José da Paula Dias, e D. Maria Luísa Mendes Leite Machado; os srs. Capitão Diamantino Moreira e prof. Boaventura Pereira de Melo, Director do Distrito Escolar de Aveiro; e a menina La-Salete Simões Ratola, filha do sr. Manuel Simões Ratola.

Em 9 — As sr.as D. Virgínia da Rocha Trindade Salgueiro, D. Maria Isabel dos Santos Paula Pires Melo, esposa do sr. Manuel Martins de Melo, D. Maria do Rosário Magalhães Lima Mascarenhas, esposa do sr. Bernardo de Almeida Azevedo, e D. Maria da La-Salete Sarabando Vinagre, esposa do sr. Manuel Moreira Vinagre; e os srs. Álvaro da Rosa Lima, Jaime Costa e Luís Firmino Regala de Vilhena.

Em 10 — O sr. Fernando Ferreira da Maia; a menina Maria Gabriela Magro Coelho; e Jeremias Amadeu Soares Nordeste, filho do sr. Manuel Ricardo da Cruz Nordeste.

Em 11 — As sr.as D. Ermesinda da Silva Campos Leite, esposa do sr. António da Silva Campos Leite, D. Célia da Rocha Pereira e D. Emília Magro Coelho; os srs. Eng.º José de Magalhães e Meneses (Vilas Boas), Vítor Coelho da Silva e José Luís Matos da Naia; e as meninas Maria Helena Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha, filha do sr. Duarte Rocha; e Maria Helena Pinto Seiça Neves, filha do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves.

Em 12 — A sr.a D. Henriqueta Manuela Martins de Carvalho, esposa do sr. Júlio Jesus Silva; os srs. João Gamelas e Neftali Duarte; e a menina Maria Isabel dos Reis Vinagre, filha do sr. António Gonçalves Pinho Vinagre.

Em 13 — O Rev.º Padre Alírio Gomes de Melo; as sr.as D. Lourdes Campos Amorim, esposa do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, e D. Maria de Lourdes Ventura Silva, esposa do sr. Herculano de Almeida e Silva; a menina Maria Manuela, filha do sr. Ulisses da Naia e Silva; e o menino João Eugénio Andias Samico Breda, filho do sr. Eugénio Samico Cunha Breda.

D. OLINDA MARTINS TELES

A sr.a D. Olinda da Costa Martins Teles seguiu anteontem para Lisboa, a fim de frequentar um curso de aplicação dos produtos de beleza «Ayer», de que é representante em Aveiro o sr. Cravo Machado Calisto, proprietário do «Salão Cravo».

O aludido curso é ministrado por técnicos franceses que se encontram no nosso País.

DOENTES

Na semana finda, foram operadas à garganta, na Casa de Saúde da Vera-Cruz, pelo sr. Dr. Horácio Briosa e Gala, as meninas Maria das Dores e Maria da Conceição Pereira de Azevedo, filhas do sr. José da Cunha Azevedo.

Desejamos-lhes rápido e completo restabelecimento.

Agradecimento

Guiomar de Carvalho Gomes Oliveira e seu marido, Francisco de Oliveira, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todos as pessoas, que por eles se interessaram, quando do seu desastre e durante o seu internamento na Casa de Saúde.

Terreno-Vende-se

Por motivo de retirada. Bem localizado.

Tratar na Rua de S. Martinho, 6, em Aveiro.

Agradecimentos

Marília dos Reis Graça

A família de Marília dos Reis Graça, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompauharam à sua última morada.

Manuel da Silva Lopes (Serrano)

A família do saudoso extinto vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que por qualquer forma manifestaram o seu pesar e o acompanharam à sua última morada.

António Tavares

Sua esposa, filhos e mais família agradecem a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral do saudoso extinto, assim como a todos as pessoas que enviaram condolências e manifestaram o seu pesar.

JUNTAS DE RECRUTAMENTO

Inspecção de Mancebos em Concelhos que não sejam do seu Recenseamento

Os mancebos residentes há mais de 30 dias em concelho diferente do seu recenseamento poderão requerer aos Chefes dos D. R. M. a que pertencer o concelho em que residem para serem inspeccionados pela Junta de Recrutamento que ali funcionar.

Os requerimentos, acompanhados do atestado de residência, deverão ser apresentados, pessoalmente ou por intermédio do correio sob registo, nos D. R. M. a que são dirigidos, até 15 de Abril.

MÚSICA

Novo concerto promovido pelo Conservatório Regional de Aveiro

Na próxima quinta-feira, dia 12, o Conservatório Regional de Aveiro promove, no Teatro Aveirense, o seu terceiro concerto da presente temporada, com a colaboração dos seus professores.

Na primeira parte, serão apresentados: o Professor de Violoncelo Ramon Miravall, acompanhado ao piano pela Professora D. Maria Leonor Teixeira Pulido, e a Professora de Canto D. Maria Fernanda Correia Salgado, acompanhada ao piano pela Professora D. Maria Melina Rebelo.

Na segunda parte, haverá a audição de solos de piano, pela Directora do Conservatório, e de um trio formado pelos professores D. Maria Melina Rebelo (piano), Augusto Pereira de Sousa (violino) e Ramon Miravall (violoncelo).

Os bilhetes para este concerto podem ser desde já procurados na Secretaria do Liceu ou ainda na bilheteira do Teatro Aveirense, depois das 21 horas do próprio dia 12.

Empregado

Para Farmácia, com alguprática, precisa-se.

Respostaa esta Redacção.

TELEFONE 23848 — **TEATRO AVEIRENSE** — APRESENTA

Domingo, 8, às 15.30 e às 21.30 horas (*17 anos*)

Um grande espectacular filme de acção, amor e movimento, em EASTMANCOLOR e SUPERCINESCOPE

Cleópatra, Rainha do Egipto

Linda Cristal • Ettore Manni • Maria Mahor • Conrado San Martin • Georges Marshal • Alfredo Mayo

Terça-feira, 10, às 21.30 horas (*12 anos*)

Edmund Gwenn, Valentina Cortese *e* Franco Fabrizzi *em*

PARAÍSO PROIBIDO

Um filme de rara emotividade, que mereceu o maior aplauso da Crítica e obteve o Grande Prémio do O. C. I. C. no Festival de Veneza de 1957

BREVEMENTE

TU ÉS PEDRO

O JOGADOR DE XADREZ

SURPRESAS DE AMOR

Notariado Português

Cartório Notarial do Concelho de Ílhavo, com sede na vila, á Rua de Cimo de Vila, número dois: Notário-Ajudante: Maria Elisa Calheiros da Silveira.

CERTIFICO, que neste Cartório a meu cargo e no Livro de notas digo, de Escrituras Diversas Número Dezanove, por ecritura de vinte e um de Março corrente, de Folhas vinte e sete, verso a vinte e nove, foi constituida uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, entre Aristides Lopes da Rosa Neto, casado, engenheiro civil, morador em Ílhavo, — João Barreto Ferraz Sacchetti Malheiro de Távora, casado, engenheiro civil, morador em Aveiro, — Frederico Elísio de Azevedo Rito, casado, prospector de minas, morador em Ílhavo, — e Fernando Augusto de Sousa Viana, casado, caixeiro viajante, morador em Estarreja, nos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «ARSAC — Materiais de Construção Civil, Limitada»; e fica com a sua sede cidade de Aveiro, á Rua Comandante Rocha e Cunha, número três-A (edifício a arrendar);

Segundo — A sua duração é por tempo indeterminado, a contar do dia dois de Abril do ano corrente;

Terceiro — O seu objecto é a exploração do comércio e industria de materiais de construção civil, e o de qualquer outro ramo que resolva explorar;

Quarto — O capital social é do montante de cento e cincoenta mil escudos, dividido em quatro quotas, sendo duas de Quarenta e cinco contos cada uma e outras duas de Trinta contos cada uma, — aquelas subscritas uma por cada um dos sócios Aristides Lopes da Rosa Neto e João Barreto Ferraz Sacchetti Malheiro de Távora, e estas subscritas uma por cada um dos sócios Frederico Elísio de Azevedo Rito e Fernando Augusto de Sousa Viana; e acha-se todo realizado já, em dinheiro;

Quinto — A cessão de quotas ou parte delas é livre entre os sócios; mas, para estranhos, fica dependente do consentimento da Sociedade, a qual terá o direito de preferência, tendo-o também os sócios individualmente, em segundo lugar;

Sexto — Todos os sócios são gerentes sem retribuição e sem caução; mas, para movimentar dinheiros, assumir responsabilidades perante Bancos, e, de maneira geral obrigar a Sociedade em quaisquer actos ou contractos é necessária a assinatura, em nome da Socidade, de dois dos gerentes;

Sétimo — Se a sociedade vier a possuir quaisquer imóveis, a sua alienação, enquanto a Sociedade subsistir, dependerá da deliberação unânime de todos os sócios;

Oitavo — Salvos os casos para que a lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com oito dias de antecedência;

Nôno — No mais aqui não previsto regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Está conforme ao original e nada há na parte omitida da escritura que amplie, restrinja, condicione ou modifique a parte acima transcrita. — Ílhavo e Cartório Notarial vinte e nove de Março de mil novecentos e sessenta e dois.

O ajudante do Cartório

Maria Elisa Calheiros da Silveira

Casa

Vende-se uma de 1.º andar, com 2 frentes, nas Ruas — **Sargento Clemente de Morais n.º 10 a 20 e da Palmeira n.º 8-8A.**

Para informações: Ana Maria da Natividade Souto, Quinta da Ribeira-Soutelo--Braga.

ARQUIVO DA PROVA

O novo reinício do torneio máximo foi fértil em motivos de sensação. Lá no topo da tabela, o Sporting (perdendo em Matosinhos) foi alcançado pelo Porto (que, em Lisboa, empatou com o Benfica) — ficando ambos com quatro pontos de vantagem sobre os encarnados.

Na zona dos aflitos, e mercê dos êxitos da C. U. F. e do Beira-Mar — que obteve a sua mais expressiva marca no torneio (e, também, o triunfo mais desnivelado de quantos se registaram em «Vidal Pinheiro») — é, agora, maior o número de turmas intranquilas... Para a presente situação contribuiram igualmente o novo empate que a Académica cedeu no seu estádio (ante o Atlético) e as preciosas vitórias do Leixões, sobre o Sporting, e do Olhanense, sobre o Vitória, de Guimarães.

A luta, em fase decisiva, ganhou redobrados motivos de interesse, pois apenas o Salgueiros sabe já o lugar que lhe compete...

JOGOS PARA AMANHÃ

Porto - Lusitano (2-0), Atlético - Benfica (1-2), C. U. F.-Académica (1-0), Guimarães Covilhã (2-4), Beira-Mar - Olhanense (2-6), Sporting - Salgueiros (1-1) e Leixões - Belenenses (3-6).

● Resultados gerais:

Belenenses, 1 — Lusitano, 0
Benfica, 1 — Porto, 1
Académica, 2 — Atlético, 2
Covilhã, 0 — C. U. F., 2
Olhanense, 1 — Guimarães, 0
Salgueiros, 0 — Beira-Mar, 4
Leixões, 2 — Sporting, 1

● Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	21	15	4	2	50-15	34
Porto	21	15	4	2	41-11	34
Benfica	21	12	6	3	54-31	30
C. U. F.	21	11	4	6	31-25	26
Atlético	21	10	4	7	39-29	24
Belenenses	21	9	5	7	40-31	23
Olhanense	21	7	5	9	30-36	19
Académica	21	8	3	10	38-39	19
Lusitano	21	8	2	11	26-29	18
Guimarães	21	7	3	11	37-37	17
Leixões	21	7	2	12	34-52	16
Covilhã	21	5	4	12	23-56	14
Beira-Mar	21	5	4	12	32-49	14
Salgueiros	21	2	2	17	16-71	6

Campeonato Nacional da II Divisão

No momento exacto, o êxito necessário

SALGUEIROS, 0 BEIRA-MAR, 4

Jogo no Campo do Eng.º Vidal Pinheiro, no Porto, sob arbitragem do sr. A'lvaro Rodrigues, auxiliado pelos «bandeirinhas» António Lopes da Rosa (bancada) e António Ferreira dos Santos (peão) — todos de Coimbra.

SALGUEIROS — Adelino; Neca, Chau e Sampaio; Mário Campos e Ribeiro; Lela, Dário, Benje, Silva Pereira e Borges.

BEIRA-MAR — Bastos; Valente, Liberal e Girão; Evaristo e Jurado; Miguel, Calisto, Diego, Chaves e Azevedo.

Marcadores: *Miguel*, aos 55 m., *Chaves*, aos 64 m., e *Diego*, aos 72 m. e aos 86 m. — todos pelo Beira-Mar.

De vital importância para as aspirações do Beira-Mar, o prélio ficou caracterizado por duas partes distintas.

Na primeira — que durou sensìvelmente uma hora — não houve ascendente territorial de qualquer dos *teams*. Actuando com imensas cautelas, prevenindo-se contra eventuais e aborrecidas surpresas, o Beira-Mar fez o jogo que lhe convinha: reforçou-se na defesa e tentou, com êxito, adquirir vantagem a meio-campo, partindo depois, em contra-ataques à procura dos golos de que precisava. E só estes é que não apareceram... — apesar de se acharem iminentes em variados lances, de que só recordamos uma recarga de Miguel (40 m.) a levar a bola à barra.

Animoso, e beneficiando do plano táctico dos beiramarenses, o Salgueiros deu, nesse período, a sensação de comandar o jogo... E os salgueiristas podem lamentar-se mesmo de algumas perdidas — casos de um remate de Sampaio (14 m.) a impelir o esférico contra a barra, e de um *penalty* (41 m.) que Benje marcou, permitindo que Bastos defendesse. Todavia, a defesa dos negro-amarelos dominou inteiramente os dianteiros dos encarnados.

Ainda nesta fase do desafio a que nos temos referido, ocorreu a expulsão do salgueirista Neca (48 m.), por jogo violento sobre Calisto, atingido por um pontapé intecional

Ao longo de todo este tempo, e mais acentuadamente durante a primeira metade da partida, o árbitro Álvaro Rodrigues foi a grande vedeta... — dando a nítida impressão de que pretendia provocar a derrota dos aveirenses. O conhecido *refree* internacional, na verdade, esteve desastrado. Foi notória a sua preocupação em punir a mais insignificante falta dos negro-amarelos, particularmente nas imediações da grande área; e, assim, em livres, proporcionou aos salgueiristas um *penalty* — bàrbaramente concedido! — e outros livres de causar calafrios... E foi igualmente e visível a sua enorme condescência para com os visitados, a quem consentiu até algumas entradas de varrer e a matar, em que Sampaio muito se destinguiu em faltas sistemáticas sobre Miguel E, num desses derrubes (70 m.), então é que houve *penalty* nítido... a que o árbitro não atendeu!

Dualidade de critério, em apavorante caseirismo de A'lvaro Rodrigues, foi um inesperado que se deparou ao Beira-Mar, e que o Beira-Mar, venceu, conseguindo no momento exacto, o êxito necessário...

A vitória — merecida a todos os títulos — começou a desenhar-num pontapé feliz de Miguel, de longe, que colheu surpreso o *keeper* salgueirista. Depois desse lance tudo se resolveu com singela facilidade: mais tranquilos e confiantes, os aveirenses dominaram totalmente os seus adversários, que não encontraram forças nem talento para replicar.

Actuando com muitos nervos, mas, aqui e além, aparentemente sem grande «nervo» — pela responsabilidade do desafio — a turma de Aveiro teve em Jurado, Azevedo, Chaves, Miguel e Liberal os elementos mais certos e produtivos. Mas todos foram generosos no dispêndio de energias e em espírito de sacrifício, valendo o onze pelo forte querer de todo o conjunto. Individualmente, ainda outras duas alusões: uma para Bastos, que salvou o 0-0 ao defender excelentemente uma penalidade máxima; e outra para Diego, que conseguiu dar ao *score* final um volume notável obtendo mais dois golos.

No Salgueiros, os elementos mais em evidência foram Chau, Mario Campos e Benje.

No domingo, com uma má arbitragem, Álvaro Rodrigues quase falseava a verdade do jogo Salgueiros-Beira-Mar...
Na foto, vemos aquele conhecido juiz de campo internacional no decurso do Beira-Mar-Atlético, em que actuou em excelente plano... Terá, no Porto, sido sòmente um «dia não» do árbitro?...

SPORTING CLUBE OLHANENSE

o próximo adversário do

BEIRA-MAR

Como espectáculo, mesmo como futebol, o encontro frente ao Salgueiros situou-se num plano modesto. Não houve adornos, filigranas ou rendas de primores técnicos — o futebol espectáculo — nem a frieza do futebol simples, preciso e pensado, o jogo pelo jogo — o futebol pelo futebol.

Mas entre a exibição e o resultado, este é preferível, e daí considerarmos que a deslocação ao campo de Vidal Pinheiro foi plenamente um êxito. Ao Beira-Mar faltou principalmente um ordenador de ataque, um homem que estabelecesse a ligação entre os sectores, um regente de capacidades e talento. Mas esse homem o Beira-Mar não teve nem o tem nos seus quadros, pois aos elementos com mais bagagem técnica falta-lhes o poder e a força do futebol primodivisionário. E como Chaves, no encontro de domingo passado, talvez para dosear esforços, foi sempre mais ponta de lança do que o estratega do meio-campo, a falta do elo de ligação mais se fez sentir. Foi prejudicado o jogo de conjunto: mas individualmente, ainda que pareça paradoxal, noventa por cento dos jogadores aveirenses cum-

Continua na página 6

Basquetebol

Campeonato Nacional da II Divisão

Sangalhos, Centro Universitário e Vasco da Gama, evidenciaram-se, na segunda jornada, por vencerem de novo — agora todos eles como visitantes. Também com dois êxitos, temos ainda o Sporting Figueirense.

Enquanto isto, vê-se que Esgueira, Fluvial, Vilanovense e Sport Conimbricense coleccionaram a segunda derrota...

Vejamos os resultados do dia:

Sport, 29 - Vasco da Gama, 36
Vilanovense, 31 - C. Universitário, 35
Olivais, 36 - Galitos, 22
Esgueira, 20 - Sangalhos, 50
Sporting Figueirense, 40 - Leça, 29
Guifões, 46 - Fluvial, 35

ESGUEIRA, 20 SANGALHOS, 50

Jogo no Campo da Alameda, sob arbitragem dos srs. Manuel Bastos e António Rino.

Esgueira — João Calisto, Ravara, Américo, César 2-0, Virgílio 8-4, Armando Vinagre 2-4, Raul, Fernando Vinagre, Perdigão e Lopes.

Sangalhos — Feliciano 0-4, Amândio 6-4, Rosa Novo 6-3, Alberto 10-4, Valdemar 5-4, Calvo 0-2, Leonel, Afonso 0-2 e Carlos.

1.ª parte: 12-27. 2.ª parte: 8-23.

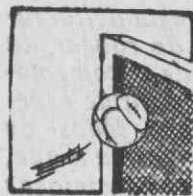
Os esgueirenses obtiveram 10 cestas de campo e falharam os 4 lances livres de que beneficiaram. Os bairradinos alcançaram 24 cestas de campo e converteram 2 lances livres em 6 tentados (33,33 %).

Sempre em vencedores, os campeões distritais venceram com total merecimento, mercê do seu maior fundo e da sua melhor preparação.

OLIVAIS, 36 GALITOS, 22

Jogo no Campo dos Olivais, sob arbitragem dos srs. Carlos Tomás e Raul Galvão.

Olivais — Cruz 0-2, Coutinho 6-2, Tomé 3-4, Pina 2-4, Vítor San-

Continua na página 6

ANDEBOL DE SETE

Campeonato de Juniores

Na pretérita segunda-feira, realizou-se o sorteio dos encontros do Campeonato Distrital de Juniores, a que concorrem quatro grupos — Beira-Mar e Académica (tal como na época anterior), juntamente com o Atlético Vareiro e o Sporting de Espinho.

A prova principiará em 5 de Maio.

Continua na página 6

Ciclismo

CAMPEONATO DISTRITAL

Concluiram-se recentemente, como no último número noticiámos com o merecido relevo, os campeonatos distritais, nas categorias de *independentes* e *amadores-juniores*.

Todavia, e por lapso na paginação, apenas publicámos os resultados das provas de *independentes*; por isso, e com as nossas desculpas pela omissão involuntária que se verificou, a seguir registamos os resultados dos das competição de *amadores-juniores*.

AMADORES - JUNIORES

II prova — 140 kms. — Em 18 de Março

1.º - Manuel Luís da Costa, Ovarense, 4 h. 31 m.; 2.º - Miguel Paiva Coelho, Sangalhos, m. t.; 3.º - Manuel Cadima, Sangalhos, m. t.; 4.º - Armando Soares dos Reis, Ovarense, 4 h. 33 m. 55 s., 5.º - António Pereira, Sangalhos; m. t.; 6.º - Ramiro Sá Ferreira, Ovarense, 4 h. 34 m. 27 s.; 7.º - Mário Henriques da Silva, Sangalhos, 4 h. 34 m. 40 s.; 8.º - Carlos Dias, Sangalhos, 4 h. 38 m. 45 s.; 9.º - José Ferreira Melo, Ovarense, 4 h. 39 m. 11 s.; 10.º - Daniel dos Santos, Sangalhos, 4 h. 39 m. 34 s.; 11.º - Amadeu José da Silva, Sangalhos, m. t.; 12.º - Horácio dos Santos, Oliveirense, 4 h. 41 m. 45 s..

Média do vencedor — 30.996 kms/h.. Desistentes — António Amorim Ferreira, João José Borges e Alfredo Gomes Ferreira, da Ovarense, e Belarmino Gomes Martins, da Oliveirense.

III prova — 75 kms. (contra-relógio) — Em 25 de Março

1.º - Carlos Dias, Sangalhos, 2 h. 7 m. 40 s.; 2.º - João José Borges, Ovarense, 2 h. 8 m. 57 s.; 3.º - Ramiro Sá Ferreira, Ovarense, 2 h. 10 m. 48 s.; 4.º - Manuel Luís da Costa, Ovarense, 2 h. 11 m. 28 s.; 5.º - Manuel Cadima, Sangalhos, 2 h. 12 m. 2 s.; 6.º - Mário Henriques da Silva, Sangalhos, 2 h. 12 m. 47 s.; 7.º - Horácio dos Santos, Oliveirense, 2 h. 12 m. 50 s.; 8.º - António Pereira, Sangalhos, 2 h. 13 m. 54 s.; 9.º - Miguel Paiva Coelho, Sangalhos, 2 h. 14 m. 56 s.; 10.º - Armando Reis, Ovarense, 2 h. 18 m. 11 s.; 11.º - Amadeu Silva, Sangalhos, 2 h. 19. m. 35 s.; 12.º - Alfredo Gomes Ferreira, Ovarense, 2 h.

Continua na página 6

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	A L A
Domingo	M. CALADO
2.ª feira	AVEIRENSE
3.ª feira	SAÚDE
4.ª feira	OUDINOT
5.ª feira	M O U R A
6.ª feira	CENTRAL

Pela Câmara Municipal

Centenário de José Estêvão

De acordo com a deliberação tomada em sua reunião de 10 de Novembro de 1961, a Câmara decidiu entregar à Comissão Municipal de Cultura a preparação e programação das Comemorações a levar a efeito por ocasião da passagem do centenário do falecimento de José Estêvão Coelho de Magalhães.

Presidiu a esta deliberação o intento de rodear da maior dignidade a comemoração de uma data de especial relevo para todos os aveirenses por forma a que, evitando sempre perniciosas dispersões, se concentrassem numa única organização de âmbito municipal todos os elementos e colaborações susceptíveis de concorrer para o êxito de uma iniciativa que a todos pertence.

É com a maior satisfação que se regista a forma como foi compreendida e aceite esta iniciativa municipal, e a colaboração que, à Comissão Municipal de Cultura, tem sido dada por todos os que, por qualquer forma, julgam poder contribuir para o êxito que se pretende atingir.

Cônscia da responsabilidade da tarefa de que foi incumbida, e que aceitou com o melhor espírito de compreensão, a Comissão Municipal de Cultura tem desenvolvido intenso labor na preparação e esquematização das referidas comemorações.

Como resultante dessa actividade pode dar-se, desde já, conhecimento de que se encontra devidamente programada a comemoração, a qual inclui: a realização de uma sessão solene no Teatro Aveirense; uma romagem ao Cemitério Central, onde se encontram sepultados os restos mortais do insigne Tribuno Aveirense; o descerramento de uma lápide comemorativa, na base do seu monumento; a edição de uma publicação dedicada à sua vida e acção; a publicação de um número comemorativo, especial, do Arquivo Histórico do Distrito de Aveiro; e a realização de uma exposição bio-biblio-iconográfica.

Além destes acontecimentos comemorativos prevê também este Município a instalação de uma sala especialmente dedicada a José Estêvão, a qual, constituindo homenagem perpétua da cidade, ficará provisòriamente instalada no Museu de Aveiro até conclusão do edifício projectado para a Praça da República, em cuja Biblioteca Municipal ficará integrada.

Comemorações do 9 de Abril

Assinalando a passagem de mais um aniversário da assinatura do Armistício, a Agência em Aveiro da Liga dos Combatentes da Grande Guerra promove, na próxima segunda-feira, as seguintes comemorações da histórica data do «9 de Abril»:

A's 10,30 horas — na igreja do Carmo, missa de sufrágio pelos combatentes falecidos, celebrada por um Capelão Militar.

Em seguida, deposição de flores na base do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, onde se guardará um minuto de silêncio.

Se o tempo o permitir, haverá, depois, a costumada romagem de saudade ao «Talhão» privativo dos antigos Combatentes, no Cemitério Sul.

Aveiro em Lisboa

No dia 31 de Março passado, os antigos alunos do Liceu de Aveiro que iniciaram o seu curso em 1914 e residem em Lisboa, reuniram-se ali, como têm feito em anos anteriores, num jantar de confraternização.

Estiveram presentes o Prof. Eng.º António da Silveira, o Capitão de Mar e Guerra Diogo de Melo e Alvim, o Coronel José da Costa Branco e os Drs. Francisco Romão Machado, Aníbal Catarino Nunes, Manuel Machado e Élio Sucena.

Registamos com simpatia este convívio de antigos estudantes do nosso Liceu, que serve para manter bem vivos os sentimentos de uma feliz camaradagem e fortalecer os laços de uma velha amizade.

Uma conferência sobre o II Plano de Fomento

Integrada no Ciclo promovido pela Secretaria de Estado de Agricultura sobre o II Plano do Fomento, realiza-se no salão nobre do Grémio do Comércio de Aveiro, pelas 17 horas da próxima terça-feira, dia 10, uma conferência sobre «Mecanização da Agricultura», que será proferida pelo sr. Engenheiro-agrónomo Manuel Lopes Cordeiro, Delegado da Junta de Colonização Interna em Braga.

À referida conferência, a que assistirão autoridades distritais e concelhias, técnicos agrários dirigentes da Lavoura e lavradores da IV Região Agrícola, presidirá o sr. Governador Civil do Distrito.

À citada conferência, na qual será abordado um tema da maior importância para a Lavoura regional, poderão assistir todos os lavradores e demais pessoas interessadas.

Celebração do «Dia Mundial da Saúde»

Como no último número já noticiámos, é hoje, pelas 15 horas, que o sr. Dr. Manuel Dias da Costa Candal profere, no salão nobre do Governo Civil de Aveiro, uma palestra integrada nas celebrações do «Dia Mundial da Saúde».

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 28 de Março, com destino a Lisboa, saíram a barra o navio-tanque *Sacor*, em lastro, e o navio da pesca do bacalhau *Santa Joana*, com apestos de pesca.

★ Em 29, vindo de Safi, entrou o navio-motor *São Silvano*, com gesso, e saiu para Lisboa, com apestos de pesca, o bacalhoeiro *Vaz*.

★ Em 31, procedente de Vila Real de Santo António, entrou o navio da pesca do atum *Rio A'gueda*, em lastro.

★ Em 2 de Abril corrente, saíram para o Porto e Lisboa, respectivamente, os barcos *Praia da Saúde* e *Rio Antuã*, vazios.

«Agenda do Porto de Aveiro»

A Junta Autónoma do Porto de Aveiro enviou-nos a sua utilíssima «Agenda do Porto de Aveiro» para 1962, que este ano se publica pela nona vez e inclui diversas informações de muito interesse.

Gratos pela oferta.

Centenário de José Estêvão

Um esclarecimento do Governo Civil

Do Chefe do Distrito de Aveiro recebemos, em 5 do corrente, o seguinte comunicado:

Publicou a imprensa uma notícia sobre o centenário do ilustre tribuno aveirense e aí se afirma que foram tomadas deliberações pela «CASA-MUSEU DE JOSÉ ESTÊVÃO», programando actos comemorativos daquela efeméride.

Esclarece-se que a denominada «Casa-Museu de José Estêvão» não tem existência legal.

a) **Jaime Ferreira da Silva**

Um eclarecimento da «Casa-Museu de José Estêvão» (em organização)

Do sr. Dr. Álvaro Seiça Neves recebemos, em 5 do corrente mês, com pedido de publicação, a seguinte carta:

Ex.mo Senhor,
Director do «Litoral»

A Direcção da Casa-Museu de José Estêvão (em organização) tendo tomado conhecimento, através da Imprensa, duma nota oficiosa do Governo Civil de Aveiro, a ela referente, pede a V. Ex.ª a publicação do seguinte esclarecimento:

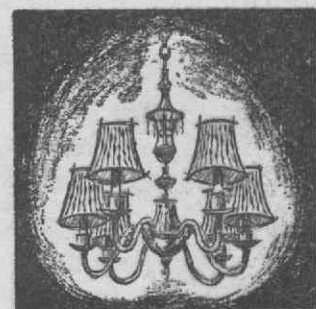
Tal como os jornais circunstanciadamente noticiaram há menos de oito dias, esta Casa-Museu efectuou no dia 24 de Março último uma reunião dos seus sócios fundadores expressamente convocada para discutir e aprovar um projecto de estatutos, o que fêz.

Incumbida a Direcção de entregar no Governo Civil de Aveiro esse diploma-base, com vista à sua legalização, demorou tal diligência apenas os dias necessários (e poucos foram) ao preenchimento das formalidades jurídicas indispensáveis, tendo sido marcada para hoje mesmo, dia 5, aquela entrega.

Nesta conformidade, aguardamos tranquilamente o despacho que ora requeremos e formulamos votos por que tudo se conjugue em prol da justa homenagem que é devida por nós todos ao maior orador Português e ao maior vulto Aveirense de todos os tempos, cujo centenário se comemora este ano.

Com a mais elevada consideração nos subscrevemos

Pela Casa-Museu de José Estêvão
(em organização)

A'lvaro de Seiça Neves

Continuações da terceira página

Beira-Mar - Olhanense

priram sem reservas; e todos, duma maneira geral, foram inexcedíveis em brio, voluntariedade e aplicação.

Mesmo sem atingir bom nível, a equipa aveirense mostrou clara superioridade, apesar de nervosa quando se encolhia na defesa, mas este facto, já aqui anteriormente apontado e justificado, foi um pouco exagerado pela vontade indómita dos atletas, os nervos e a sofreguidão com que defendiam a sua baliza. Cientes das responsabilidades, os beiramarenses sabiam que só a vitória lhes servia, e conseguiram-na pela margem mais expressiva de todos os seus resultados, o que representa, a par dos dois pontos, a única verdade do jogo.

Amanhã, têm os aveirenses outro encontro de responsabilidade. E será assim até ao fim, verdadeira maratona, para qualquer equipa: jogo após jogo, disputará uma final!

Os algarvios têm uma equipa onde sobressai o grande equilíbrio de valores, sem vedetas, mas com um conjunto que sabe jogar a bola. O defesa central Reina, Campos e Armando no ataque, são no entanto os pontos de apoio da turma. A defesa do Beira-Mar terá de jogar com muita atenção e marcação apertada, pois o ataque algarvio é habilidoso, e os avançados têm de se entregar abertamente á luta, pois a defesa Olhanense raramente consente muitos golos.

Confiamos, no entanto, no valor dos nossos atletas e na competência do técnico — que, formando uma só equipa — encetaram há muito uma recuperação assaz notável; e esta é a outra verdade.

F. E. DIAS

FUTEBOL

REGISTO

II Divisão Nacional

● Marcas da jornada:

Feirense, 3 — Peniche, 0
Torriense, 0 — Boavista, 1
Vianense, 2 — Espinho, 0
Braga, 4 — Sanjoanense, 0
Oliveirense, 1 — C. Branco, 0
Marinhense, 3 — Cernache, 0
Caldas, 2 — Vila Real, 0

● Classificação:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	21	14	3	4	55-25	31
Braga	21	12	4	5	37-21	28
Marinhense	21	12	4	5	42-22	28
Boavista	21	8	7	6	25-21	23
Vianense	21	10	3	8	23-23	23
Sanjoanense	21	10	3	8	35-38	23
Espinho	21	7	8	6	32-24	22
Peniche	21	8	5	8	37-26	21
Oliveirense	21	9	3	9	23-30	21
C Branco	21	8	4	9	27-34	20
Torriense	21	7	3	11	16-31	17
Caldas	21	5	4	12	15-36	14
Vila Real	21	6	1	14	27-35	13
Cernache	21	4	2	15	23-51	10

● *Jogos para amanhã* — Boavista — Peniche (0-2), Espinho — Torriense (2-1), Sanjoanense — Vianense (1-0), Castelo Branco — Braga (1-3), Cernache — Oliveirense (3-3), Vila Real — Marinhense (1-2) e Caldas — Feirense (0-6).

III Divisão Nacional

● Resultados do dia:

Vilanovense, 2 — Arrifanense, 1
Varzim, 6 — Lusitânia, 1
Lamas, 1 — Leça, 2
Tirsense, 3 — Ovarense, 2

● *Jogos para amanhã* — Arrifanense — Tirsense (1-3), Lusitânia — Vilanovense (1-3), Leça — Varzim (0-2) e Ovarense — Lamas (2-3).

Nacional de Juniores

● Marcas da jornada:

Guimarães, 2 — Sanjoanense, 1
Maia, 1 — Leixões, 4
Beira-Mar, 4 — Ac. Viseu, 0
Porto, 3 — O. do Douro, 1

● Mapa da classificação:

II Série

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Leixões	3	3	—	—	10-4	6
Maia	3	1	—	2	4-6	2
Sanjoanense	3	1	—	2	5-7	2
Guimarães	3	1	—	2	3-5	2

III Série

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Porto	3	2	1	—	5-1	5
O. Douro	3	1	1	1	6-8	3
Beira-Mar	3	1	—	2	6-4	2
A. Viseu	3	—	2	1	4-8	2

● A prova é interrompida amanhã.

23 m. 6 s.; 13.º - Daniel Santos, Sangalhos, 2. h. 24 m. 24 s; 14 - Belarmino Gomes Martins, Oliveirense, 2 h. 27 m. 37 m..

Média do vencedor — 35,260 kms/h..

Classificação final

1.º - Manuel Luís da Costa, Ovarense, 9 h. 33 m. 13.; 2.º - Manuel Cadima, Sangalhos, 9 h. 37 m. 47 s.; 3.º - Ramiro Sá Ferreira, Ovarense, 9 h. 40 m.; 4.º - Miguel Paiva Coelho, Sangalhos, 9 h. 40 m. 41 s.; 5.º - Carlos Dias, Sangalhos, 9 h. 42 m. 19.; 6.º - Mário Henriques da Silva, Sangalhos, 9 h. 42 m. 19 s.; 7.º - António Pereira, 9 h. 42 m. 21 s.; 8.º - Amadeu Silva, Sangalhos, 9 h. 43 m. 54 s.; 9.º - Armando Reis, Ovarense, 9 h. 46 m. 51 s.; 10.º - Horácio dos Santos, Oliveirense, 9 h. 49 m. 20 s.; 11.º - Daniel dos Santos, Sangalhos, 10 h 3 m. 8 s.; 12.º - João José Borges, Ovarense, e 13.º - Alfredo Gomes Ferreira — estes com menos uma prova.

BASQUETEBOL

tos 8-4, Oliveira, Valdemar, Silva 0-1, Eufrásio e Carlos Santos.

Galitos — Raul 4-0, Sarrico 0-2, Mendes 2-0, Artur Fino 0-2, Mateus de Lima 1-5, José Fino 0-6, João Carvalho, João Naia e Charneira.

1.ª parte: 19-7. 2.ª parte: 17-15.

Os conimbricenses conseguiram 16 cestas de campo e converteram 4 lances livres em 20 tentativas (20 %). Os aveirenses obtiveram 9 cestas de campo e transformaram 4 lances livres em 12 tentados (33,33 %).

Vitória justa da equipa de Coimbra, num jogo que não deixou saudades — até porque ficou tristemente assinalado pela expulsão do alvi-rubro Artur Fino, com a marca em 31-15.

●

Tabelas classificativas:

Subsérie A-1

	J.	V.	D.	Bolas	P.
C. Universit.	2	2	—	76-48	6
V. Gama	2	2	—	71-56	6
Olivais	2	1	1	63-57	4
Galitos	2	1	1	56-67	4
Vilanovense	2	—	2	62-69	2
Sport	2	—	2	46-77	2

Subsérie B-1

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sangalhos	2	2	—	106-62	6
S. Figueirense	2	2	—	82-48	6
Leça	2	1	1	79-67	4
Guifões	2	1	1	88-91	4
Fluvial	2	—	2	54-88	2
Esgueira	2	—	2	47-100	2

●

Jogos para amanhã:

Galitos - Sport
Vasco da Gama - C. Universitário
Vilanovense - Olivais
Fluvial - Esgueira
Sangalhos - Leça
Sporting Figueirense - Guifões

Campeonato Nacional da III Divisão

Na penúltima terça-feira, dia 27 de Março, efectuou-se o sorteio dos jogos do Campeonato Nacional da III Divisão, na Zona de Aveiro.

O calendário ficou assim elaborado:

1.º dia

Sanjoanense - Recreio
Amoníaco - Illiabum

2.º dia

Illiabum - Sanjoanense
Recreio - Amoníaco

3.º dia

Recreio - Illiabum
Sanjoanense - Amoníaco

A competição inicia-se amanhã.

«Taça Disciplina»

Em comunicado recente, a Associação de Basquetebol de Aveiro tornou conhecidos os resultados da «Taça Disciplina», que foram os seguintes:

I DIVISÃO

1.º - Atlético de Cucujães, 3 pontos; 2.º - Clube dos Galitos, 4 pontos.

INFANTIS

1.º - Esgueira, 0 pontos; 2.º - Avanca, 0; 3.º - Amoníaco, 1; 4.º - Sangalhos, 1.

Campeonatos de Lance-livre

Nesta competição, em infantis, apuraram-se os seguintes resultados:

Por equipas — 1.º - Amoníaco (66-17), 25,7 %; 2.º - Avanca (42-9), 21,4 %; 3.º - Esgueira (72-14), 19,4 %; 4.º - Sangalhos (40-5), 12,5 %.

Individual — 1.º - Adriano Resende, Amoníaco (34-11), 32,3 %.

Andebol de Sete

ficando o respectivo calendário assim elaborado:

1.º dia

Beira-Mar — Académica
Atlético Vareiro — Espinho

2.º dia

Atlético Vareiro — Beira-Mar
Espinho — Académica

3.º dia

Beira-Mar — Espinho
Académica — Atlético Vareiro

Campeonato Distrital

Um protesto do Atlético Vareiro

Está marcado para sexta-feira — jogo Académica — Amoníaco (12-10) — e para sábado — jogos Sanjoanense — Atlético Vareiro (10-20), Escola Livre — Espinho (5-5) e Beira-Mar — Avanca (6-3) — o início da segunda volta do Campeonato Distrital.

Entretanto, o Atlético Vareiro apresentou na Associação de Andebol de Aveiro um protesto que poderá vir a revolucionar totalmente a tabela classificativa. Alegam os ovarenses que a Académica — único grupo invicto, que apenas registou um empate — tem utilizado um jogador que se encontra mal inscrito. A confirmar-se a má qualificação desse atleta (Barroso) os estudantes seriam derrotados em todos os jogos que efectuaram, baixando, por isso, ao último lugar.

Na altura em que escrevemos a presente nota — e desconhecendo qual a decisão associativa sobre o momentoso problema — não podemos adiantar nada mais sobre o assunto.

Crónicas do Porto

Continuação da primeira página

gumas aldrabices, aos que ficaram, minados pelo medo. Um daqueles chegou a afirmar que a largura do Tejo era de 5 léguas!

A este respeito, Alberto Pimentel narrou o seguinte e cómico episódio:

Uma noite, *debaixo dos Arcos*, o Chiado de Aveiro — o mais triste e mísero Chiado que se podia imaginar — e dentro da mais concorrida loja desse sítio e desse tempo, à luz sonolenta de dois candeeiros de azeite, o José Rocha, bom e rude homem, que fizera uma pequena fortuna com o negócio do sal, foi ali a tal ponto logrado e chateado que, *falando com os seus botões*, resolveu dar, com a família, um passeio, em combóio, fosse para onde fosse e sujeitar-se às consequências, para acabar com aquela chuchadeira, que tanto o arreliava. Era demais...

Seriam 9 horas da noite e ele, abrindo o seu pesado relógio de prata, preso por um cordão preto a um botão do colete e abanando a cabeça, como quem diz *são horas de ir para casa*, disse aos amigos: — «*Pois, senhores, se não têm mais para dizer, vou cear.*» E, com as orelhas muito vermelhas, safou-se, deixando-os a rir e a galhofar, depois de se despedirem dele com piadas...

Pelo vermelho das orelhas, a mulher e a filha, quando entrou em casa, notaram o seu mau humor. Sentado à mesa, José Rocha, para conseguir comer, desabafou contando a ambas a troça, a que o sujeitaram os amigalhaços e revelou a ideia dum passeio com elas, pelo caminho de ferro, para os calar.

A menina Camila — assim chamavam a sua filha as senhoras de Aveiro — ficou radiante de alegria com esta resolução. E a sr.ª D. Henriqueta, sua mulher, lamentou não a ter o homem tomado dias antes, para evitar essa chacota, dizendo-lhe mais que se julgava com o direito de viajar em recreio, como as outras senhoras aveirenses. Assistia-lhe razão para isso... O marido era um dos mais conhecidos negociantes, na cidade dos *ovos moles*, ela era tratada com *Dom*, usava chapéu e sua filha tinha piano e dote. Ambas recebiam visitas da melhor sociedade de Aveiro. Mas, hesitante, o José Rocha, ainda com seus receios, manifestava-os, dizendo à esposa:

— «*Pois não vês que aquilo é mesmo um monstro de ferro e fogo, mulher, e que há de ser causa de grandes desastres por que nem ele pode parar de repente, com o grande ímpeto com que vai, nem essa pobre gente dos campos, que não está ainda orientada com aquela geringonça, pode fugir-lhe depressa! Um dia apanha um velho tropego ou uma criança, que se atarante.*» *Monstro, monstro é que ele é, disse e repito.*»

Mesmo neste estado de espírito, depois de saborear uma abundante ceia de caldeirada, regada com bom vinho da Bairrada, resolveu fazer a viagem até ao Porto, que era mais perto, não atendendo o pedido da filha para irem a Lisboa, muito mais longe... Pediu e encheu o cachimbo, fumou a *cachimbada* e ficou silencioso.

A menina Camila, por ter visto, em Aveiro, dois rapazes, elegantes lisboetas, filhos dum desembargador, e julgando que todos os jovens alfacinhas se apresentavam com a mesma elegância, preferia ir à capital do reino, para os ver. Mas, por conhecer bem o temperamento teimoso do pai, teve de se coformar com a decisão, não manifestando o seu costumado inconformismo, tão próprio dos carinhos de pais de filha única...

As senhoras aveirenses diziam que ela havia nascido para tricana e se fazia passar por senhora, recebendo-a, no entanto, muito bem em suas casas. Efectivamente, de descendência humilde, era morena, esbelta e caprichosa, como as tricanas, inquieta como as ondas do mar e insodável como ele.

Lia romances, tocava piano quando queria e estava habituada a satisfazer os seus caprichos de filha única. Desta vez, porém, não viu, no semblante do pai, ares de transigência, para satisfazer a sua vontade. Ele queria ir ao Porto — disse — para ver a Torre dos Clérigos, de que tanto ouvira falar... Para vê-la se sujeitava à estupada e ao perigo da viagem, no combóio monstro. A mulher estava de acordo. Aproveitava a ocasião de ver a mana Sabina e o filho. Não via a irmã havia 27 anos! Não conhecia o sobrinho! Só ouvira dizer que este era um rapaz bonito e trabalhador... Com fortuna... *Um bom partido para uma menina... Adiante... Adiante...* dizia ao marido e à filha.

Finalmente, José Rocha anunciou aos amigos a sua viagem ao Porto, mas *falando com os seus botões*, dizia baixinho: — «*Pois, apesar de tudo, eu sou como mexilhão: quero-me em Aveiro*».

Passados alguns dias, a família Rocha chegava à estação, para embarcar e fazer essa viagem. O marido ia tristonho; a filha bocejava, com ares dum desdem romântico e a D. Henriqueta, por sofrer dores dos calos, havia ido em *char-a-bancs*, até ali. Passara satisfeita, pelas ruas da cidade e acenando com a sua sombrinha de seda azul para as pessoas, que estavam às janelas ou que se encontravam, nas ruas. Rindo e orgulhosa, ia assim dizendo adeus à gente que ficava... Pouco depois, o combóio chegou. Embarcaram, sem demora e o *monstro* apitou, sinal da imediata partida. Dentro da carruagem, D. Henriqueta deu um gritinho e José Rocha estremeceu... Por não saber latim, não disse *alea jact est*, mas, certamente, pensou que estava lançada a sorte... Calada e pensativa, sentindo a agradável impressão dada pela rapidez da marcha da máquina, Camila encostou-se a um lado da carruagem.

O primeiro obstáculo — a Ponte de Esgueira — estava passado... Ia José Rocha perdendo o medo e já começava a rir. Vendo pela janela, os pinheiros pareciam-lhe dançar... E dizia: — «*olha o diabo! Como eles dançam*»!

A D. Henriqueta limpava o suor e perguntava: — «*São eles que dançam ou somos nós*»? «*Vai lá sabê-lo*» — respondia o marido.

Um velho padre, que viajava na mesma carruagem, informou: — «*São eles.*» D. Henriqueta retorquiu: — «*Isto é obra do diabo!* — O Reverendo, familiarizando-se evangèlicamente, esclareceu: — «*Não diga isso, senhora; isto é obra dos homens; isto é o vapor...*» Durante a viagem, a conversa animou e dissimulou um pouco o medo...

O combóio chegara a Gaia. A lembrança de ver a irmã, depois de tanto tempo de ausência, e o sobrinho, que não conhecia, emocionava D. Henriqueta, ao aproximar-se o desembarque. Prevenido pelo correio, lá estava o sobrinho a esperá-la, com alegria. Era um rapaz rosado, forte, de barba por cortar — o tempo livre de trabalho era pouco e nem sempre dava ocasião para isso. — Trazia chapéu de palha e gravata azul. O tio levava-lhe dois cestos com *ovos moles* e mexilhão de Aveiro. À primeira vista não agradou à prima, mas esta agradou-lhe muito...

Saíram das Devezas e desceram pela Calçada das Freiras, para entrarem no velho Porto. O José Rocha preferia atravessar o Douro e não passar, no combóio, por cima da ponte pensil. Gostava de ir vê-la, mas pelo lado de baixo. Contou que, também pelo lado de baixo, muito gostou de ver a Ponte de Esgueira, suspensa nuns canudos. E disse que gostava de admirar as pontes, mas sempre por baixo...

O panorama da entrada do Porto deslumbrava-o.

O sobrinho parecia à prima um indivíduo boçal e aborrecia-a com seu palavriado de galanteios estúpidos, pouco cativante.

Chegados ao Cais da Ribeira, José Rocha contemplou, com pasmo, a casaria da Rua de S. João. Aproximava-se do que mais o interessava e que, na crónica seguinte, descreveremos um tanto resumido.

Parecia-lhe que a Torre dos Clérigos o esperava.. Era o que a sua admiração mais ansiava ver de perto...

Manuel Lavrador

Homens... e Homens

Continuação da primeira página

obra desses homens, conquistada com sacrifícios, em caminhos eriçados de obstáculos, olhada de soslaio, malquerença e cinismo, pela maioria dos indiferentes, ficará a perdurar como mensagem de esperança e de luz, como contribuição generosa e benéfica para o perfeito equilíbrio da humanidade, que todos — não todos — ansiamos.

Há bem poucos dias, desapareceu do número dos vivos um desses obreiros infatigáveis: João Pereira da Rosa. Toda a Imprensa difundiu largamente os traços biográficos desse espírito superior, culto, inteligente, desse coração magnânimo, que se impôs ao respeito e estima de toda as camadas sociais, do próprio Governo da Nação, reconhecido ao homem de bem que labutou, uma vida inteira, em defesa das causas justas e humanas, sem um desfalecimento, apenas com o firme desejo de servir o País e a sociedade.

Permita-se-nos narrar um pequenino facto que, parecendo à primeira vista insignificante, ilustra bem a extrema correcção e educação, os nobres sentimentos que João Pereira da Rosa punha em todos os seus actos, por mais fúteis que fossem.

Há três anos, publicámos o nosso primeiro livro de poesias. Como acontece com todos os publicistas, ofertámos os dois exemplares da praxe às revistas da especialidade e aos jornais diários. — Um exemplar destinado ao director, outro ao crítico literário. Ora, adivinhamos bem os quefazeres tremendos desses homens responsáveis, acorrentados aos gabinetes de trabalho, numa luta insana, no desempenho duma missão por vezes tão mal compreendida. Adivinhamos as secretárias pejadas de papéis, de artigos, de provas, e de toda uma correspondência numerosa de cartas e publicações que diàriamente as invadem.

Supúnhamos, assim, que a esses dirigentes da informação pública, lhes fosse impossível, do alto do seu pedestal, acusar recepções, fazer agradecimentos, retribuir gentilezas a quem quer que se lhes dirigisse — no nosso caso, um obscuro escrevinhador de versos — a não ser tratando-se de pessoa grada nas artes ou nas letras, na técnica ou nas ciências, no mundo financeiro ou na governança. E acertámos. Seria perder tempo — um tempo precioso — responder a um vulgar indivíduo, a um parco estreante nas lides literárias.

Porém, para a alegria e estímulo nosso, também aqui a suposta regra teve a sua excepção: João Pereira da Rosa. Num singelo cartão, o que foi ilustre jornalista e director de um dos maiores cotidianos nacionais, perdeu um pouco do precioso tempo, e agradeceu-nos. Que todos os outros, responderam-nos com o silêncio, infelizmente peculiar a tantos homens julgados grandes. Só Pereira da Rosa, que partindo do nada logrou o infinito, teve — como testemunho do seu carácter, da sua bondade e compreensão — o gesto que tanto nos sensibilizou; e mais, porém, por verificarmos que neste Mundo atribulado, nesta época de paixões desenfreadas, ainda existem homens bons.

Amadeu de Sousa

Vinte Anos de Eça

Continuação da última página

sentimentos e impressões de que estava animado o autor na época em que o escreveu». Num ponto chegamos a lamentar essa abstenção: haveria mais a dizer e que modificar no capítulo sobre o estilo. Um autor concentrado na arte da expressão, como foi Eça de Queirós, estará sempre a pedir meticulosa atenção dos estudiosos nesse particular. Mas como o livro não é de crítica, e sim de história literária (ou nem uma coisa nem outra, já que melhor lhe caberia o título História Crítica, pela abundância de conceitos), compreende-se a falta de aprofundamento no exame formal. Não se-há de exigir aí um extenso capítulo sobre a linguagem e o estilo de Eça, como o que Aurélio Buarque de Holanda preparou para o Livro do Centenário.

Rio de Janeiro

Renato Jobim

VINTE ANOS DE EÇA

por RENATO JOBIM

HÁ escritores que agem com um vírus intelectual: uma vez instalados na área das nossas preferências, dificilmente se despegam de nós. E' o caso de Eça de Queirós. Quem o tenha lido, mais cedo ou mais tarde voltará a lê-lo — espantosa é sua resistência ao tempo. Vinte anos após escrever a História Literária de Eça de Queirós vem Álvaro Lins reatar o fio de suas considerações sobre essa figura sempre nova das letras luso-brasileiros, num capítulo acrescentado à edição da *Livraria Bertrand*, de Lisboa. E o faz da maneira mais reveladora possível de sua fidelidade ao romancista: revivendo o ambiente topográfico dos romances, numa identificação de casas, ruas, largos, aldeias, todo o peculiar cenário das criações do autor. Levantamento ao que parece inédito. Estilo e personagens sobejamente esmiuçados por críticos da península e de nossa terra, faltava quem se aplicasse ao paciente mister de recuperar a geografia romanesca. Os portugueses acabaram favorecendo, por displicência de donos da casa, que um brasileiro o fizesse. Não um brasileiro desses curiosos ou «snobs» da Literatura, para quem incursionar por *A Relíquia* ou *Os Maias* será sempre distinto e distraído; mas um crítico literário da significação de Álvaro Lins.

Sòmente a grande e antiga admiração de Álvaro Lins pela obra de Eça de Queirós explica essa vilegiatura que mais descreve do que interpreta, quase limitada a identificar a ficção na realidade, quando foi o crítico pernambucano dos que mais se empenharam, e exemplarmente, na interpretação queirosina. Ele próprio reconhece no trabalho um esboço apenas; mas já — reconheçamos nós — uma contribuição. Ali está devidamente anotada uma das primeiras descobertas do escritor itinerante: a casa de Maria Eduarda, na actual Rua Ivens, a dois passos do Chiado. Logo adiante se verá o prédio do Grémio Literário, o mesmo mencionado tantas vezes em páginas lisboetas de Eça. A' esquina da Rua do Alecrim uma Agência de Navegação acha-se instalada no local da residência dos Cohens, o banqueiro Cohen e a mulher, de *Os Maias*. Em Leiria o tempo nada alterou: lá está a praça principal com arcadas, que o padre Amaro atravessou quando veio morar na cidade, a igreja da Misericórdia, a casa de S. Joaneira, «com as varandinhas, com as janelas, com os enfeites de plantas», onde residiu o próprio Eça, a praça Sé, onde ainda funciona a botica do Carlos. Na região do Douro, em Santa Cruz, pode-se contemplar a quinta que foi a casa dos antigos condes de Resende, a mesma quinta que acolheu Jacinto no seu retorno de Ulisses desiludido. No caminho de Lamego para Resende ainda se ergue a torre de Lagariça que teria servido de modelo para a Torre dos Ramires. Etc., etc..

Escrita aos vinte e cinco anos de idade do autor, História Literária de Eça de Queirós surpreendeu os nossos círculos intelectuais precisamente por não ser obra dos vinte e cinco anos. Nesta idade, os rapazes de talento rabiscam poemas ou se batem com a polícia. Um jovem escritor de província conseguiu que lhe editassem seu primeiro livro, impressionante pela maturidade dos juízos e por aquela ciência dos confrontos e das relações em geral, que avulta com o instrumento mais precioso do crítico. «Machado monologa, sempre voltado para dentro dos homens e insensível às sugestões das paisagens. Eça escreve sempre para se comunicar, e a sua obra reflecte todo o mundo exterior que o cerca. O que Machado atingiu em profundidade, Eça atingiu em extensão». — «O Oriente agiu sobre Eça despojando-o do que havia nele de contrário às suas próprias tendências. Os mundos antigos, os mundos aparentemente mortos, contém esta força inexplicável de colocar o homem diante de si mesmo». — «Porque foi esta certeza, a certeza de não atingir a perfeição literária e artística, que reduziu Fradique ao silêncio. E que fez também Eça duvidar, a vida toda, de si mesmo». — «Ao contrário, (Eça) procurou sempre a companhia das palavras modestas e discretas, porque não pretendeu exprimir-se em gritos. Resultou dessa deliberação a sua aparente miséria vocabular, quando se tratava apenas de uma defesa consciente contra a riqueza que asfixia. Jogava, aliás, com muita habilidade, perdendo no vocabulário que era bem pouco, para ganhar no estilo, que era tudo».

Considerada, não obstante, a juventude do autor à época em que foi escrito, o livro só se pode valorizar: algumas poucas afirmações audaciosas e insatisfatòriamente argumentadas não seriam hoje emitidas, acreditamos. Álvaro Lins procurou poupar o leitor desses pequenos desencantos quando esclareceu em prefácio que foi tentado a cortar, modificar, e ampliar o estudo em tais proporções «que, se o fizesse, acabaria por lhe transmitir nova fisionomia e nova estrutura». Preferiu deixá-lo intacto, respeitando as «ideias,

Continua na página 7

Renato Jobim enviou-me seu último livro, intitulado «Crítica», e que a *Livraria São José*, do Rio de Janeiro, editou. Renato Jobim é um dos mais importantes críticos brasileiros da novíssima geração. Anteriormente, publicou «Anotações de Leitura» (1957). E' um crítico de ampla cultura e de juízo de valor rigoroso. Sérgio Milliet, Dinah Silveira de Queiroz, António Olinto, Nelson Werneck Sodré, Maria de Lourdes Teixeira e outros destacados intelectuais brasileiros têm louvado os procedimentos críticos de Renato Jobim. O seu novo livro é composto por trinta artigos críticos, versando sobre diversas obras, na sua quase totalidade obras de autores brasileiros. E'-nos grato deparar com alguns que são dedicados a letras portuguesas. Assim, damos hoje a conhecer seu artigo sobre Eça de Queirós. E, pròximamente, divulgar-se-ão os intitulados «Interpretação de nossa Literatura», e «Dois Poetas, Duas Épocas» — todos revelando um grande conhecimento das letras lusas.

Joaquim de Montezuma de Carvalho

TRIBUNA DOS NOVOS

COMUNHÃO COM A NATUREZA

O Sol
Envolve a cidade
Com os seus raios
Fulgurantes,
E a paisagem
Gentil
Toma aspectos
Deslumbrantes...

Na avenida
Principal
Os ramos das árvores
Põem no chão
Uma sombra doce,
Tranquila,
Que faz bem
Ao coração...

As avezitas
De ramo em ramo
Vão chilreando...
Enquanto o Sol
Por entre a folhagem
Vai penetrando...

E a Primavera,
Como o amor,
Tem poesia... e cor!...

Lisboa, Março de 1962

JOSÉ MARIA SARAIVA DA FONSECA

CENTENÁRIO DE JOSÉ ESTÊVÃO

ANUNCIAM alguns jornais que a Portugália Editora, *associando-se às comemorações que vão promover-se para assinalar o centenário da morte de José Estêvão, publicará duas obras relativas ao eminente tribuno: um ensaio, do Dr. José Tengarrinha, «sobre o pensamento e a personalidade do maior orador parlamentar português que foi, também, uma das figuras de maior relevo da nossa política oitocentista», e uma antologia, organizada pelo mesmo autor, dos seus discursos na Câmara dos Deputados, dos seus artigos de Imprensa diária, dos seus programas políticos e das suas lições de Economia Política na Escola Politécnica.*

Os trabalhos anunciados são ambos de responsabilidade; e o primeiro é de excepcional melindre, pois exige um conhecimento perfeito da complexa personalidade do grande aveirense e uma lúcida compreensão do seu pensamento, muitas vezes deturpado ao sabor de lamentáveis paixões e de reprováveis conveniências.

Consta-nos que se preparam outras publicações sobre José Estêvão, designadamente uma edição cuidada dos seus discursos parlamentares, que bom seria fosse enriquecida de notas explicativas e críticas escrupulosamente objectivas e isentas. Em complemento da notícia publicada no último número deste semanário, devemos informar que chegou ao nosso conhecimento haver a Câmara Municipal, pelos seus serviços culturais, assumido o encargo de promover as comemorações centenárias, de harmonia com um programa em estudo e aproveitando o concurso de quem utilmente possa e queira prestar-lho.

Merece o nosso inteiro aplauso esta atitude, que tornará condignas e mais luzidas as projectadas comemorações. A memória de José Estêvão, pelo qual todos os aveirenses, sem distinções, nutrem o mais profundo e merecido respeito, deve ser evocada por forma que as homenagens não falseiem nem diminuam a sua inconfundível personalidade intelectual e moral.

Pintura da Nossa Terra e da Nossa Gente

A Direcção Geral do Ensino Primário acaba de publicar mais um volume integrado na «Colecção Educativa» — o n.º 9 da série F — intitulado *Pintura da Nossa Terra e da Nossa Gente*, da autoria de Flórido de Vasconcelos e Marcelo de Morais.

Nele se reproduzem, em 25 gravuras de notável nitidez, algumas maravilhas da nossa pintura, que os autores descrevem brevemente, referenciando os artistas que as produziram ou se supõe terem-nas produzido.

Destacamos o retrato de Santa Joana Princesa, que se conserva no nosso Museu. Os autores do livrinho, pelo facto de não descobrirem sob «aquele carácter vivo e rude que se encontra nas figuras dos painéis de S. Vicente», aventam que «tenha sido feito de memória, idealizado já depois da morte da Princesa».

Relativamente ao político chamado de Nuno Gonçalves, confessando não haver a certeza das pessoas ali retratadas, supõem, todavia, que, no painel do Infante, a figura ajoelhada, à esquerda do observador, será «a rainha D. Isabel e, atrás desta, D. Isabel de Aragão, sua mãe».

Pedimos vénia pra não acompanhar os autores nas suas suposições, o que de modo algum diminui o nosso interesse por este encantador livrinho, um dos mais atraentes da benemérita «Colecção Educativa».